

ENTRE A MULTIDÃO E A SOLIDÃO: OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA DIANTE DA SUPERLOTAÇÃO E DA SOLITUDE DO PROFESSOR EM SALA DE AULA

Alexia Letícia Almondes de Moura ¹

Maurilane Pereira da Costa ²

Vinicius João de Oliveira Araújo ³

Maria César de Sousa ⁴

RESUMO

A docência é marcada por desafios que vão além do ensino de conteúdos regulares, podemos citar a princípio questões estruturais que impactam a qualidade do trabalho docente e, consequentemente, a qualidade do ensino. Dentre esses desafios, destaca-se a superlotação das salas de aula e a solidão do professor em sua prática pedagógica cotidiana. Enquanto a sala de aula superlotada impõe dificuldades no acompanhamento individual dos estudantes, o professor, muitas vezes, sente-se sozinho no planejamento e execução de suas atividades, desprovido do suporte adequado. O objetivo deste estudo é refletir sobre os impactos da superlotação e da solidão docente no cotidiano escolar, analisando como essas condições de fato interferem no processo de ensino-aprendizagem e na saúde mental dos professores. A metodologia utilizada trata-se de uma abordagem qualitativa, pautada em revisão bibliográfica. Para embasar a discussão, recorreremos a autores como Tardiff (2008), Libâneo (2017), Gatti (2016), Silva (2020), dentre outros. Autores esses que abordam a construção da identidade docente e os desafios da profissão. Os resultados evidenciam que a falta de políticas educacionais voltadas para a valorização docente e a adequação das condições de trabalho reforçam a sobrecarga e o sentimento de isolamento dos professores. Assim, torna-se essencial promover estratégias de apoio, formação continuada e, principalmente, melhores condições estruturais para garantir um ambiente de ensino mais saudável e eficaz.

Palavras-chave: Gestão escolar, Prática Pedagógica, Solidão docente, Superlotação.

INTRODUÇÃO

O cenário educacional atual é marcado por salas de aula superlotadas, o que interfere diretamente nas condições de trabalho do professor e dificulta o atendimento adequado às necessidades dos alunos. Essa realidade, agravada pela precariedade da infraestrutura escolar e pelo número excessivo de estudantes por turma, compromete a qualidade do processo de ensino-aprendizagem. Um ponto ainda pouco discutido nos meios de comunicação, nas pesquisas acadêmicas e até mesmo nos debates governamentais diz respeito à ausência de outros profissionais da educação atuando conjuntamente na sala de aula.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí – UFPI, alexia.almondes123@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí – UFPI, maurilanecosta700@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí – UFPI, avinicius702@gmail.com;

⁴ Doutorado pela UFRJ, mestrado pela UFPI e docente associada II UFPI/CSHNB, mariacezarsousa@gmail.com;

A falta de apoio pedagógico no cotidiano escolar contribui para o desgaste físico e emocional do docente, gerando desmotivação e impactando diretamente a qualidade do ensino. Em contextos mais críticos, esse cenário pode culminar até mesmo na escassez de profissionais da educação em exercício, refletindo a urgência de políticas públicas voltadas à valorização e ao suporte efetivo da docência. Como aponta Libâneo (2017, p. 15) “Não há sociedade sem prática educativa nem prática educativa sem sociedade”, ou seja, a sociedade e a educação andam juntas e precisam uma da outra para funcionar e gerar bons resultados, para isso é indispensável que essas práticas educativas atendam a demanda de cada sociedade, inserindo assim no âmbito escolar o apoio pedagógico necessário para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem ocorrer de modo que alcance com êxito os objetivos educacionais elencados nas diretrizes curriculares.

As práticas profissionais dos professores, diante do cenário atual, tornam-se constantemente desafiadas pelas transformações econômicas, sociais, políticas, culturais e até mesmo éticas pelas quais o país vem passando. Esses fatores, interligados, atuam de maneira bastante ativa nas condições de trabalho docente, influenciando sua formação continuada, o processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, as formas de se relacionar com os alunos. A principal responsabilidade do professor é promover a apropriação dos conhecimentos escolares pelos estudantes, de modo que possam atuar de forma crítica e consciente no meio social, cultural e também profissional. A partir disso, a função central do profissional da educação situa-se entre a necessidade social de formação e desenvolvimento humano de seus alunos e as exigências de ordem econômica voltadas à preparação do indivíduo para o mundo do trabalho. De acordo com Freitas e Libâneo (2018, p.369).

São muitas as incitações e adversidades trazidas por este contexto de transformações no qual estão situados os docentes, desde o impacto da sociedade global na economia, na política, na cultura, nas relações humanas, até a subordinação das políticas públicas aos critérios exclusivamente econômicos do mercado globalizado.

Dentre as adversidades trazidas por esse vasto contexto de transformações no qual os docentes estão inseridos, destacam-se a superlotação das salas de aula e a solidão docente. Essas questões tornam ainda mais complexa a atuação do professor, dificultando o exercício de suas funções e responsabilidades com êxito e maestria. O cotidiano escolar, nesse cenário, torna-se desgastante e, em muitos casos, estressante, o que leva à desmotivação constante para exercer a profissão e desestimula a busca por práticas pedagógicas inovadoras e lúdicas. Outro ponto relevante e que merece ser pautado é a saúde emocional e física do educador, frequentemente comprometida diante dessas condições. Com isso, há um impacto direto na qualidade do ensino

e, conseqüentemente, no próprio quadro de professores nas redes de ensino, sejam elas públicas ou privadas, que passam a correr o risco de escassez ainda maior. Tardiff (2008, p. 112) enfatiza que:

[...] a análise do trabalho docente não pode limitar-se a descrever condições oficiais, mas deve também empenhar-se em demonstrar como os professores lidam com elas, se as assumem e as transformam em recursos em função de suas necessidades profissionais e de seu contexto cotidiano de trabalho com os alunos.

O autor dialoga diretamente com a realidade vivida pelos professores em contextos de salas superlotadas e de solidão no exercício da profissão. Ainda que enfrentem diversas limitações estruturais e a ausência de apoio pedagógico, os docentes precisam constantemente recriar as suas estratégias, reorganizar também as suas práticas e, em especial, transformar as dificuldades em possibilidades de ensino, de acordo com as demandas específicas de seus alunos. Esse movimento evidencia a capacidade de resiliência e criatividade do professor, mas também reforça a necessidade de reconhecer que tais esforços individuais não devem ser vistos como a solução definitiva. Pelo contrário, apontam para a urgência de políticas e condições institucionais que permitam ao docente exercer plenamente sua função sem que a sobrecarga e o trabalho solitário comprometam a sua prática e, principalmente, a sua saúde.

Como defende Silva (2020), as crianças, diariamente, deixam sua zona de conforto, que é o lar e o convívio com seus familiares, e passam a construir, gradativamente, sua independência longe dos responsáveis. Assim, vivem grande parte de suas vidas na escola e, muitas vezes, deparam-se com salas pequenas, que não comportam adequadamente o número de alunos matriculados, sem espaço para momentos de lazer e com pouco acesso ao ambiente externo, ao ar livre, o que acaba por gerar sentimentos de angústia e inquietação. Nesse contexto, a escola, marcada pela superlotação e pela escassa assistência ao professor para lidar com essa realidade em suas práticas pedagógicas, transforma-se em um espaço entediante e desagradável. Dessa forma, surgem sérios prejuízos, tanto em relação à indisciplina dos alunos quanto à produtividade do educador.

Diante das inúmeras transformações que atravessam o campo educacional, torna-se urgente voltar o olhar para questões que afetam diretamente a prática da docência, em especial a superlotação das salas de aula e a solidão enfrentada pelos professores em seu cotidiano escolar. Em contextos marcados por salas superlotadas, falta de apoio pedagógico e rotinas exaustivas, o professor é constantemente levado ao limite, o que repercute não apenas no processo de ensino-aprendizagem, mas também na sua saúde física e emocional. Justifica-se, portanto, a realização desta pesquisa pela necessidade de refletir sobre os impactos dessas

condições na prática pedagógica e na permanência docente, buscando compreender de que forma a superlotação e a solidão influenciam diretamente na qualidade das relações educativas e no fazer docente. O objetivo é analisar como esses fatores interferem na dinâmica escolar, nos vínculos estabelecidos com os estudantes e na construção de um ambiente propício ao aprendizado e ao cuidado com o educador.

Os resultados apontam que a superlotação das salas de aula e a ausência de suporte adequado ao professor contribuem diretamente para o desgaste emocional, a perda de motivação e a precarização do trabalho docente, afetando não apenas o processo de ensino-aprendizagem, mas também a permanência e o bem-estar dos profissionais da educação. Diante disso, é essencial ampliar o debate sobre essas condições que atravessam silenciosamente o cotidiano escolar e comprometem a qualidade do ensino oferecido. Refletir sobre essas realidades, ainda pouco visibilizadas, é um passo necessário para repensar as práticas institucionais e reivindicar políticas educacionais mais humanas, justas e comprometidas com a valorização do professor, não apenas como transmissor de conhecimento, mas como sujeito que também precisa ser cuidado.

METODOLOGIA

Esta pesquisa se caracteriza por uma abordagem qualitativa, tendo como principal fonte a revisão bibliográfica. A escolha por esse caminho metodológico se justifica pela natureza reflexiva do estudo, que busca compreender, a partir do olhar de diversos autores, como as condições de superlotação e solidão docente impactam a prática pedagógica e a saúde mental dos professores. Para a seleção das fontes, optou-se por obras e artigos acadêmicos publicados nos últimos anos, que dialogam com a temática da identidade profissional, dos desafios enfrentados pelos educadores e das condições de trabalho na escola contemporânea. Gil (2017, p. 34) afirma que “A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos”.

Dessa forma, a escolha pela pesquisa bibliográfica se mostra pertinente, uma vez que possibilita o aprofundamento teórico necessário para compreender com mais clareza as questões que envolvem o fazer docente em contextos adversos. Ao recorrer a autores que discutem de forma crítica os desafios enfrentados pelos professores, é possível construir uma análise embasada e sensível sobre a realidade escolar, especialmente no que diz respeito à superlotação das salas de aula e à solidão vivenciada por muitos profissionais da educação.

Portanto, essa modalidade de pesquisa permite o cruzamento de diferentes perspectivas teóricas, enriquecendo o processo reflexivo e contribuindo para a produção de conhecimento significativo sobre a temática abordada.

Além disso, considera-se igualmente relevante destacar que, mais do que a simples análise de textos, a pesquisa com abordagem qualitativa também exige uma postura atenta, aberta ao diálogo com os autores e com os sentidos que emergem das leituras. Como ressalta Gil (2017, p. 110), “os pesquisadores devem adotar preferencialmente técnicas qualitativas de coleta de dados e também uma atitude positiva de escuta e de empatia.”. Essa perspectiva reforça a importância de compreender os fenômenos educacionais não apenas em seus aspectos técnicos, mas também em suas dimensões humanas, subjetivas e emocionais. Assim, ao refletir sobre a superlotação e a solidão docente, a pesquisa propõe um olhar comprometido com a realidade vivida pelos professores, valorizando suas experiências e reconhecendo a complexidade que envolve a prática educativa.

Dentre os autores utilizados, destacam-se Tardif (2008), Libâneo (2017), Gatti (2016) e Silva (2020), cujas contribuições permitem ampliar o entendimento sobre os saberes docentes, os efeitos das transformações sociais na educação e as exigências que recaem sobre o professor. A fundamentação teórica parte da compreensão de que o processo de construção da identidade docente está diretamente relacionado às experiências vividas no espaço escolar, muitas vezes marcadas pela solidão, pela sobrecarga e pela falta de reconhecimento. Nesse sentido, a revisão bibliográfica oferece um suporte consistente para problematizar tais aspectos e propor reflexões que colaborem com a valorização e o cuidado com o profissional da educação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento teórico realizado e analisado de forma minuciosa demonstra, com clareza, que tanto a superlotação das salas de aula quanto a solidão vivenciada pelos professores configuram desafios estruturais recorrentes no cenário educacional atual, atravessando diferentes contextos da realidade escolar. Os estudos evidenciam que a presença de turmas numerosas, somada à ausência de apoio pedagógico efetivo, seja de um auxiliar em formação, de um monitor ou mesmo de outro profissional da educação devidamente qualificado, compromete a qualidade do acompanhamento individualizado dos estudantes, sobrecarrega o professor e intensifica os sentimentos de isolamento no exercício de sua função.

As obras analisadas convergem no entendimento de que essas condições geram impactos significativos que atingem de forma direta não apenas o rendimento escolar, mas

também a saúde mental e, sobretudo, a motivação diária do docente, criando, assim, um ciclo que reforça a precarização do trabalho educativo. Nesse panorama, a síntese dos principais achados possibilita compreender, de maneira mais efetiva, a dimensão e a complexidade do problema, ao mesmo tempo em que aponta caminhos para a construção de estratégias capazes de mitigar seus efeitos no cotidiano escolar.

O professor é uma figura insubstituível no processo educativo, pois, “qualquer que seja o tipo de relação estabelecida e as formas dos processos educativos, o professor é figura imprescindível” (GATTI, 2016, p. 164). Sua atuação vai muito além da simples transmissão de conteúdos, abrangendo o acompanhamento, a escuta e o cuidado individualizado com cada aluno. No entanto, quando inserido em turmas com densidade estudantil muito acima do recomendado e sem qualquer tipo de apoio pedagógico em sua rotina escolar, esse papel, que é fundamental não apenas no processo de ensino-aprendizagem, mas também para a sociedade em geral, torna-se cada vez mais desafiador para ser plenamente exercido.

A sobrecarga de demandas e o número excessivo de alunos comprometem a atenção às necessidades específicas, dificultando a construção de vínculos e a adaptação das práticas de ensino ao ritmo de cada aprendiz. Nessas condições, o docente, ainda que empenhado em oferecer o melhor de si, encontra obstáculos impostos pela estrutura e pela ausência de suporte, o que fragiliza a efetividade do processo ensino-aprendizagem e impacta diretamente a qualidade da formação dos estudantes. Gatti (2016, p. 164) também afirma que:

O professor não é descartável, nem substituível, pois, quando bem formado, ele detém um saber que alia conhecimento e conteúdos à didática e às condições de aprendizagem para segmentos diferenciados. Educação para se ser humano se faz em relações humanas profícuas.

Essa afirmação reforça que a proficiência do professor está intrinsecamente ligada à sua capacidade de estabelecer relações significativas com os alunos e adaptar o ensino às necessidades de cada grupo. Entretanto, quando o ambiente escolar impõe barreiras estruturais, a possibilidade de construir essas relações fica comprometida, pois o desafio não está na falta de competência do docente, mas nas condições adversas que limitam sua atuação. Assim, reconhecer a insubstituibilidade do professor implica também compreender a urgência de garantir-lhe recursos, tempo e suporte adequados, de modo que seu trabalho possa se desenvolver plenamente e refletir, de forma positiva, no aprendizado e na formação integral dos estudantes.

A literatura educacional aponta, de forma recorrente, o isolamento vivenciado pelos docentes em sua prática pedagógica, que se soma à sobrecarga docente e agrava os desafios da

profissão. Em muitas escolas, o professor encontra-se sozinho na elaboração do planejamento, na execução das aulas e na gestão das dificuldades de aprendizagem dos estudantes, sem dispor de espaços efetivos de diálogo com colegas ou de apoio das equipes pedagógicas. Essa solidão não se refere apenas ao momento da sala de aula, mas também à ausência de trocas profissionais e de construção coletiva de práticas educativas, o que gera a sensação de abandono e fragiliza a motivação para buscar estratégias inovadoras. Nessa perspectiva, Libâneo (2017, p. 243) ressalta que:

Em relação aos alunos da escola pública, a verificação das condições potenciais de rendimento escolar depende de um razoável conhecimento dos condicionantes socioculturais e materiais: ambiente social em que vivem, a linguagem usada nesse meio, as condições de vida e de trabalho. Esse conhecimento vai muito além da simples constatação da realidade; deve servir de ponto de apoio pedagógico para o trabalho docente.

Esse recorte evidencia que o trabalho do professor não se restringe apenas ao domínio de conteúdos curriculares, mas exige também a compreensão das condições de vida e de aprendizagem em que seus alunos estão inseridos. Em salas de aula com alta concentração de estudantes, esse acompanhamento se torna ainda mais difícil, uma vez que a atenção individualizada é totalmente comprometida, a ausência de apoio institucional e pedagógico fragiliza a possibilidade de transformar esse conhecimento em práticas efetivas, reforçando a segregação do docente e a sobrecarga laboral. Assim, o professor acaba assumindo responsabilidades que deveriam ser partilhadas institucionalmente, intensificar ainda mais o sentimento de isolamento que atravessa sua prática pedagógica no ambiente escolar e até mesmo fora dele.

Outro aspecto afetado pela superlotação e pela solidão docente é o planejamento pedagógico e o rendimento escolar. A elevada quantidade de alunos limita a diversificação de estratégias, uma vez que inviabiliza o acompanhamento individual e impede que o professor compreenda plenamente as necessidades de cada estudante. Considerando esse viés de abandono, pressupõe-se ser imprescindível o auxílio de outro docente no processo de planejamento e acompanhamento, de modo a ampliar as possibilidades de intervenção pedagógica e favorecer um rendimento formativo mais satisfatório. Assim, como apontam Tardiff e Lessard (2008, p. 114), “Fatores ligados ao “objeto de trabalho”, tais como o tamanho das turmas, a diversidade das clientela, a presença de alunos com necessidades especiais e com dificuldades de adaptação e de aprendizagem, a idade dos alunos, o sexo, o nível de maturidade, etc”.

Como dito acima, as questões citadas interferem no planejamento pedagógico e impactam diretamente a qualidade do ensino e da aprendizagem. Sem um planejamento adequado e acompanhamento sistemático que contemple a heterogeneidade da classe, a aula tende a tornar-se mecânica e repetitiva, limitando-se a uma única estratégia. Tal situação compromete o processo de aprendizagem, uma vez que os estudantes demonstram maior envolvimento quando expostos a práticas diversificadas, e não apenas ao repasse de conteúdos. Nesse sentido, a solidão docente evidencia-se como um fator que desencadeia múltiplas dificuldades no fazer docente.

Diante desse cenário, torna-se urgente repensar as políticas públicas e as formas de gestão escolar, de modo que priorizem condições mais humanas e favoráveis ao exercício da docência. A superlotação das salas, a ausência de apoio pedagógico efetivo e a solidão enfrentada pelos professores não podem ser vistas apenas como desafios individuais, mas como questões estruturais que exigem respostas coletivas, pois “é vigente a ideia de que posse de conhecimentos é um dos determinantes de desigualdades sociais. Ela se mostra como princípio diferenciador de pessoas e grupos humanos. Deter certos conhecimentos é poder obter vantagens e facilidades no movente mundo atual” (Gatti, 2016, p. 165). Políticas voltadas para a valorização docente, a garantia de melhores condições de trabalho e a formação continuada são fundamentais para que o professor não seja sobrecarregado nem inviabilizado em sua prática.

Nesse sentido, uma gestão escolar mais humana e participativa deve promover espaços de diálogo, cooperação e apoio mútuo, reconhecendo que a qualidade do ensino depende também do bem-estar e da motivação dos profissionais que o constroem diariamente. Assim, torna-se imprescindível que as políticas educacionais assumam um compromisso real com a valorização docente, contemplando desde a adequação do número de alunos por turma até a garantia de melhores condições estruturais e salariais. Do mesmo modo, cabe às gestões escolares criar mecanismos de apoio que favoreçam a cooperação entre os profissionais, promovendo ambientes menos solitários e mais colaborativos.

Tais medidas não devem ser vistas como um favor ao professor, mas como um investimento indispensável para assegurar a qualidade do processo educativo e a permanência de profissionais motivados na carreira, além da melhoria na qualidade do ensino no Brasil. Portanto, ao priorizar políticas públicas consistentes e uma gestão escolar mais humana, cria-se a possibilidade de transformar a docência em uma prática menos excludente e mais voltada à construção de uma educação verdadeiramente democrática e inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo refletir sobre os impactos da superlotação das salas de aula e da solidão docente no cotidiano escolar, buscando compreender de que maneira essas condições interferem no processo de ensino-aprendizagem e, principalmente, na saúde mental dos professores. A análise realizada ao longo do trabalho possibilitou, de forma reflexiva, reconhecer que tais fatores não se configuram apenas como desafios pontuais, mas sim como problemas estruturais que atravessam a prática pedagógica e influenciam diretamente a qualidade do ensino do país e o bem-estar do profissional de educação.

Os resultados evidenciam, a urgência de se investir em melhorias estruturais que propicie um ambiente de ensino bem mais adequado e menos sobrecarregado, favorecendo tanto o trabalho do professor quanto o aprendizado dos estudantes. Destarte, torna-se indispensável ampliar as oportunidades de formação continuada, de modo que os docentes possam atualizar seus saberes e encontrar estratégias para enfrentar os desafios cotidianos do ambiente escolar.

Além disso, ressalta-se a importância de fomentar novos estudos que aprofundem a relação entre o bem-estar docente e as formas de gestão escolar, considerando a diversidade de contextos e realidades educacionais existentes no país. Investigações futuras podem contribuir para ampliar a compreensão sobre como práticas de gestão mais participativas e políticas educacionais consistentes que impactam não apenas a qualidade do ensino, mas também a saúde mental e a valorização profissional dos educadores.

Em suma, é fundamental propor caminhos que fortaleçam a valorização e a escuta ativa do professor no ambiente escolar. Reconhecer o educador como sujeito central na mediação do processo de ensino-aprendizagem implica oferecer condições de trabalho dignas, mas também abrir espaços de diálogo em que sua voz seja ouvida e considerada nas decisões pedagógicas e institucionais. A construção de uma escola democrática e inclusiva passa, necessariamente, pelo reconhecimento da experiência e da sensibilidade docente como elementos indispensáveis para a qualidade do ensino e para a formação cidadã dos estudantes.

REFERÊNCIAS

- FREITAS, Raquel A.; LIBÂNEO, José Carlos. Didática desenvolvimental e políticas educacionais para a escola no Brasil. **Linhas Críticas**, v. 24, 2018.
- GATTI, Bernardete A. Formação de professores: condições e problemas atuais. **Revista Internacional de Formação de Professores**, p. 161-171, 2016.



GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 6. ed. São Paulo: **Atlas**, 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Cortez editora, 2017.

SILVA, Renata Marques de Almeida. Superlotação em sala de aula. **Revista Mais Educação**, São Caetano do Sul: Centro Educacional Sem Fronteiras, v. 3, n. 8, p. 1667–1672, out. 2020.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Editora Vozes, 2013.